



A Literatura, memória cultural do património vitivinícola do Douro

M a r i a d a A s s u n ç ã o M o r a i s M o n t e i r o

Sumário: Com esta comunicação pretendemos chamar a atenção para o papel que a Literatura desempenha enquanto depositária da cultura e do património natural ligado à vinha e ao vinho da região duriense.

As obras dos escritores, pelas informações que veiculam (a nível de clima, de morfologia da paisagem, de usos e costumes, de comportamentos, de ideologia, de gastronomia e de todo um conjunto de muitos outros aspectos) contribuem para a preservação da memória cultural do tempo e espaço em que foram escritas ou a que se reportam, facto que se acentua ainda mais no caso de textos diarísticos, uma vez que os relatos dos eventos contêm indicações relativas às coordenadas espaço-temporais em que esses eventos ocorreram.

Através de exemplos concretos legados por alguns escritores, em função da sensibilidade de cada um e da sua maneira de encarar a realidade, iremos ver de que forma os textos perpetuam a história da vinha, do vinho, das gentes e da região duriense. Apontamos como assuntos focados, apenas a título de exemplo, a caracterização da paisagem, a morte do Barão de Forrester, as vindimas, a navegação no rio Douro e as condições de vida do homem duriense.

Constatar-se-á que a Literatura desempenha um papel preponderante na preservação da cultura científica e de todo um património natural que, em alguns casos, sofreram modificações e/ou evoluções que actualmente só através de documentos (literários ou outros) se podem conhecer.

A Literatura desempenha um papel de relevo enquanto depositária da cultura e do património natural e científico.

Nesta comunicação pretendemos mostrar como o património ligado à vinha e ao vinho da região duriense tem sido preservado pela pena de alguns escritores. Assim, o presente trabalho encontra-se estruturado em três partes: a primeira dedicada à paisagem natural; a segunda em que são referidos factos histórico-culturais ligados a esta região e, finalmente, a última, que incide sobre o homem duriense e os trabalhos e esforços por ele desenvolvidos, que conferem a esta região características ímpares que levaram a que fosse considerada património da Humanidade.

1. Ainda que Miguel Torga no seu *Diário* lamente que o Douro não tenha tido um cantor à altura da sua grandeza e beleza paisagística, este rio e a região que o envolve têm servido de inspiração a diversos escritores que o imortalizaram nas suas obras. Vamos começar precisamente por este escritor que sempre se sentiu atraído pelo Douro, considerando-o mesmo seu:

“*Alijó, 13 de Janeiro de 1989* — Este Doiro que, antes de me deslumbrar ao natural os olhos adultos, me deslumbrou, contado à lareira, a imaginação infantil, é meu por eleição e por herança.”¹

E a pertença é tal que o leva a afirmar, no volume II do seu *Diário*:

“*S. Vicente, 10 de Agosto de 1942* – (...) fui de bicicleta a Entre-os-Rios visitar o Doiro. É a minha carótida verdadeira, aquele rio. Nove e meio de tensão arterial, mas um sangue onde um barco rabelo ergue a vela e não há nada que o faça parar. É poesia por aí fora, que só quem for cego é que não vê.”²

A nível de **beleza da paisagem natural**, vejamos, por exemplo, a forma como Miguel Torga, no *Diário* III, se refere às encostas e ao vale do rio Pinhão, no Outono, com as suas cores, vendo-se, ao fundo este rio a desaguar no Douro:

“*Pinhão, 25 de Setembro* [de 1945] – (...) Não pode haver no mundo coisa mais bela do que o vale do Pinhão, quando estas primeiras tintas o visitam. A gente olha de cima e não está mais na terra. Debruça-se sobre um abismo de cor ao fim do qual dois rios se bebem com sede um do outro.”³

Neste excerto é focado o rio Pinhão, mas também aparecem documentados na literatura outros afluentes do Douro. Um deles é o Tua, cujo encontro das águas é descrito por Pires Cabral, no poema “Uma só água”⁴, no qual escreve: “Douro e Tua: o encontro das águas / com pontes e calor e voo de aves / indiscretas” e que António Cabral também torna presente no romance *A Noiva de Canã*.

Outros rios, como o Távora, o Tedo, o Paiva são também referidos, por exemplo no romance *Vale Abraão* de Agustina Bessa-Luís, embora, ao longo de toda esta obra, seja o Douro a assumir um papel de excelência.

¹ TORGA, Miguel, *Diário* XV, Coimbra, Edição do Autor, 1990, p. 155.

² TORGA, Miguel, *Diário* II, 4ª edição, Coimbra, Edição do Autor, 1977, p. 53.

³ TORGA, Miguel, *Diário* III, 3ª edição, Coimbra, Ed. do Autor, 1973, p. 117.

⁴ CABRAL, A. M. Pires, *Douro: pizzicato e chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 49.



Não são só os rios e os terrenos cultivados com vinhedos que encantam a vista de quem os contempla. Também as margens mais abruptas e rochosas aparecem na Literatura, por exemplo em algumas páginas do *Diário* de Miguel Torga. Vejamos esta entrada do *Diário* VII:

“Aregos, 26 de Dezembro de 1954 – Estas margens do Doiro, na sua específica dureza ossuda, singularidade fisionómica e peculiar significação, perturbam-me sempre o equilíbrio que por toda a parte sinto no convívio com o ambiente físico que me rodeia. (...) Abruptas e austeras, enrugadas de geios, coroadas de neve e espelhadas num rio que lhes clarifica a pele terrosa, (...) lembram-me faces dum ser ao mesmo tempo mítico e real, fabuloso e tangível, vivo e petrificado, que se exprime em sofrimento silencioso, em fecundidade sumarenta e em beleza descarnada.”⁵

E, ainda num registo do *Diário* XIII, Torga refere os miradouros dos quais se avista o Douro e a paisagem envolvente, uma paisagem que implica muito esforço humano, para se poder criar autênticos “jardins suspensos”:

“Régua, 19 de Agosto de 1979 – (...) Basta olhá-lo do miradouro de S. Brás, de S. Domingos da Queimada, de S. Leonardo de Galafura, do alto da quinta das Carvalhas, de Vilarinho de Cotas ou de S. Salvador do Mundo. Só quem não tiver sensibilidade e humanidade dentro de si é que ficará indiferente à beleza de panoramas sem comparação possível e à grandeza de um esforço incansável e criativo que os cultiva e arquitecta jardins suspensos na mais agreste paisagem de Portugal.”⁶

A capacidade de apreciar a beleza da paisagem e o esforço das gentes são uma constante em Torga, daí que tenha um desabafo como este no seu *Diário* XI:

“S. Martinho de Anta, 12 de Julho de 1969 — Sempre que venho por aí acima, começo a avistar o Marão e o Doiro, e me ponho a pensar na morte, o que mais me entristece é não poder deixar em testamento os olhos à filha.”⁷

Numa outra obra, *Contos da Montanha*, Torga metaforicamente considera os montes como um corpo e compara o rio Douro a uma veia aberta, e note-se a

⁵ TORGA, Miguel, *Diário* VII, 3ª edição revista, Coimbra, Ed. do Autor, 1983, pp. 164–165.

⁶ TORGA, Miguel, *Diário* XIII, Coimbra, Edição do Autor, 1983, p. 105.

⁷ TORGA, Miguel, *Diário* XI, Coimbra, Edição do Autor, 1973, p. 49.

importância que essa veia representa para toda a região da qual é um elemento vital e imprescindível. Vejamos este excerto do conto «Vindima»:

“O Doiro apareceu lá em baixo, ao fundo, como uma veia aberta a escoar-se morosamente no corpo ciclópico dos montes”⁸

A propósito dos socialcos, num registo de *S. Leonardo de Galafura*, 8 de Abril de 1977 incluído no *Diário XII*, Miguel Torga considera a paisagem que daí se avista “um excesso da natureza”:

“O Doiro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso da natureza.”⁹

E logo a seguir, na mesma entrada do *Diário XII*, continua:

“Socialcos que são passadas de homens titânicos a subir as encostas (...). Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta.”

O monte de S. Leonardo de Galafura, onde o Santo se encontra “alcandorado no seu trono de penedos e nuvens, com o Douro ajoelhado aos pés e o céu a servir-lhe de resplendor”¹⁰, inspirou a Torga um poema, que conseguiu escrever após um processo de gestação longo, “trinta anos, bem medidos, de tenacidade!”¹¹. Nesse texto, intitulado “S. Leonardo de Galafura”¹², o Santo vai navegando “num doce mar de mosto” e vai sulcando “as ondas da eternidade”, enquanto desfruta de uma paisagem que o faz não ter pressa de chegar ao seu destino.

Como na eternidade não terá socialcos nem vinhedos para contemplar, este Capitão não tem pressa de seguir viagem. Então,

⁸ In *Contos da Montanha*, 6ª edição, Coimbra, Edição do Autor, 1982, p. 175.

⁹ TORGA, Miguel, *Diário XII*, 3ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor, 1986, pp. 176–177.

¹⁰ In TORGA, Miguel, *Diário IX*, 2ª edição, Coimbra, Ed. do Autor, 1977, pp. 89–90.

¹¹ Em trabalho anterior focámos as fases do processo de criação e relacionámo-las com este poema (Cf. MONTEIRO, Maria da Assunção Morais, «A metamorfose em Vitorino Nemésio e Miguel Torga», in *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois. Actas do Colóquio Internacional (Ponta Delgada 18–21 de Fevereiro de 1998)*, Lisboa–Ponta Delgada, Edições Cosmos e Seminário Internacional de Estudos Nemesianos, 1998, pp. 179–187).

¹² In TORGA, Miguel, *Diário IX*, 2ª edição, Coimbra, Ed. do Autor, 1977, pp. 91–92.



“(…) é devagar que se aproxima
Da bem-aventurança.
É lentamente que o rabelo avança
Debaixo dos seus pés de marinheiro.
E cada hora a mais que gasta no caminho
É um sorvo a mais de cheiro
A terra e a rosmaninho!”

Também num poema intitulado “Doiro”, que constitui uma entrada do *Diário XI*, situada em *Ferrão, 7 de Setembro de 1968*, Miguel Torga caracteriza de forma primorosa o rio:

“Corre, magoado,
De cachão em cachão,
A refractar olímpicos socalcos
De doçura
Quente.”

Em finais do séc. XIX, Eça de Queirós, no seu romance *A Cidade e as Serras*, aludia aos socalcos de vinhedos, aos barcos rabelos a descerem o Douro carregados de pipas de vinho, às casas apalaçadas com capelinhas nas suas margens.

E, nos nossos dias, José Saramago, sensível à paisagem duriense, na sua obra *Viagem a Portugal*, deixa registada a sua admiração pelas encostas repletas de vinhas, pela forma como são construídos os muros de suporte, pelas cores, considerando um “grave delito” que não sejam trazidos a esta região todos os Portugueses, “para que nos seus olhos ficasse a formidável impressão destas encostas cultivadas em socalcos, cobertas de vinhas de cima a baixo, a grafia dos muros de suporte que vão acompanhando o fluir do monte, e as cores”¹³.

António Cabral, autor duriense que muito tem escrito sobre a sua região, vai mais longe do que Saramago, ao considerar o Douro como um “paraíso”, mas “do vinho e do suor”, “dum rio, no Verão, ossudo e magro / como as pessoas, / quando a alma se escoia pelos poros”, mas de um “rio também barrento”, “das grandes cheias, / do abraço final / de troncos de homens, de árvores e sonhos”. O Douro é ainda visto como um “Paraíso da aguarela forte das vinhas / que entram em ondas verdes pelos olhos”¹⁴.

¹³ SARAMAGO, José, *Viagem a Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1981, p. 28.

¹⁴ As citações pertencem ao poema “Aqui, Douro”, in CABRAL, António, *Novos Poemas Durienses*, Vila Real, Livros Nordeste, 1993, p. 32.

Numa outra perspectiva, a do **clima**, também a Literatura, por exemplo através da obra de Torga, nos permite conhecer o contraste entre o ar fresco da montanha e o calor do Douro (e o Escritor conhecia bem a frescura sentida nas terras altas de S. Martinho de Anta, da Senhora da Azinheira e arredores), locais habitualmente calcorreados nos seus passeios e caçadas na companhia de Padre Avelino¹⁵. Escreve no *Diário III*:

“Desço mais uma vez a estrada que liga as frescuras da montanha a estes calores tropicais (...).”¹⁶

O clima do Douro (região que faz parte da chamada “Terra Quente”), com temperaturas muito altas no Verão e baixas no Inverno, é metaforicamente descrito por Torga num texto intitulado «Doiro» da sua obra *Portugal*. Escreve Miguel Torga:

“No verão, um calor de forja caldeia o xisto e transforma a corrente numa alucinação de lava a mover-se; no inverno, até os olhos das videiras choram de frio.”¹⁷

Note-se como o Douro lembra a lava de um vulcão em movimento, ao mesmo tempo que as videiras são referidas poeticamente quando, na altura da poda, feita no Outono ou no Inverno, deixam escorrer a seiva. Torga, antropomorfizando-as, diz que “os olhos das videiras choram de frio”, tal como sucedia às pessoas da sua região.

Na mesma obra *Portugal*, Torga refere as várias castas de vinho que podemos encontrar na região duriense e alude ainda aos muros e aos socalcos:

“O vinho é de moscatel, alvarelhão, penaguiota, malvasia fina, e mana das fragas (...).

Nas margens de um rio de oiro, crucificado entre o calor do céu que de cima o bebe e a sede do leito que debaixo o seca, erguem-se os muros do milagre. Em íngremes socalcos, varandins que nenhum palácio aveza, crescem as cepas como os manjericos às janelas.”¹⁸

¹⁵ Veja-se MONTEIRO, Maria da Assunção Morais, *Acerca de Miguel Torga... (Com depoimentos de Padre Avelino e cartas)*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2003.

¹⁶ TORGA, Miguel, *Diário III*, 3ª edição, Coimbra, Edição do Autor, 1973, p. 117.

¹⁷ TORGA, Miguel «O Doiro» in *Portugal*, 5ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor, 1986, p. 46.

¹⁸ TORGA, Miguel «Um Reino Maravilhoso (Trás-os-Montes)» in *Portugal*, 5ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor, 1986, p. 32.



A nível de **flora**, apenas um pequeno exemplo, extraído do conto «Vindima» da obra *Contos da Montanha*, onde vemos uma paisagem agreste e rochosa em que sobressaem estevas e zimbros:

“Tinham findado de todo os horizontes largos do planalto, onde a alma corre de fraga em fraga, sempre à vista do céu. Encostas negras, em escada, cobertas de estevas ou eriçadas de zimbro, faziam tudo para entristecer quem lhes passava ao pé. À esquerda, um despenhadeiro de meter medo.”¹⁹

E, para terminar estes apontamentos relativos à paisagem, fica um registo do *Diário XIV*, situado e datado de *Porto, 29 de Junho de 1986*, no qual se evidencia a sensibilidade de Torga ao **património geológico** natural:

“Continuo a gostar desta terra, a cidade que o meu Doiro merecia. Um soalco urbano granítico, a reflectir o voluntarismo laboral e cívico nas águas dum rio de suor penitente.”²⁰

Nesta entrada sobressai o aspecto geológico, mas também encontramos a **orografia** da região duriense noutras passagens do *Diário*, como nesta do volume XIII:

S. João da Pesqueira, 23 de Agosto de 1979 — Olho mais uma vez de um dos seus altos mirantes este meu Doiro, único rio emblemático de Portugal, e a sucessão tumultuosa de montes que vai sulcando.”²¹

2. A nível histórico-cultural encontramos na Literatura muitas informações sobre factos relacionados com o Douro, a começar logo pelo seu nascimento na serra de Urbion, em Espanha, nascimento que é referido no poema “O Rio Douro”²², de António Cabral.

A parte respeitante a Portugal é documentada por Miguel Torga, ao escrever:

“Começa em Miranda e acaba na Foz, este calvário. Começa em pedra e água, e acaba em pedra e água. Como nos pesadelos, não há nenhum intervalo para descansar. Entra-se e sai-se do transe em plena angústia.”²³

¹⁹ in *Contos da Montanha*, 6ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor, 1982, p. 175.

²⁰ In *Diário XIV*, Coimbra, Edição do Autor, 1987, p. 193.

²¹ TORGA, Miguel, *Diário XIII*, Coimbra, Edição do Autor, 1983, p. 107.

²² CABRAL, António, *Antologia dos Pomas Durienses*, Chaves, Edições Tartaruga, 1999, p. 143.

²³ TORGA, Miguel «O Doiro» in *Portugal*, Coimbra, Edição do Autor, p. 45.

Um outro exemplo de preservação de aspectos histórico-culturais prende-se com a **linha do Douro**, que já ligou Portugal a Espanha e daí a França. Essa ligação, que hoje não existe, está documentada na Literatura Portuguesa em finais do séc. XIX, poucos anos depois de terem sido inauguradas estas as viagens.

Historicamente, o primeiro comboio chegou a Barca de Alva em Dezembro de 1887²⁴, na mesma altura em que chegava também uma composição vinda de Salamanca, inaugurando-se assim esta ligação internacional. Hoje, em Barca de Alva já não circulam comboios, ainda que actualmente estejam a ser feitas tentativas no sentido de ser reaberto o troço Pocinho-Barca de Alva, tentativas apoiadas por um grande empresário turístico do Douro²⁵ e pela Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, como foi recentemente noticiado na Imprensa²⁶.

No já referido romance *A Cidade e as Serras* de Eça de Queirós, Eça revela que a viagem internacional já se fazia nesse tempo, visto que Jacinto e Zé Fernandes vêm de comboio de Paris para Tormes, pela linha do Douro. É de salientar que o nome ficcional se impôs e hoje a estação de Caldas de Aregos chama-se também Tormes.

Ainda na segunda metade do séc. XIX, através do romance *Uma família Inglesa* de Júlio Dinis, encontramos documentada a permanência dos Ingleses no Porto. Como se pode ler no romance, entre os grandes comerciantes britânicos, sobressai Mr. Richard Whitestone, que vivia nesta cidade:

“Respirando, havia mais de vinte anos, a atmosfera perfumada do nosso clima meridional, e bebendo, em todo este tempo, da própria fonte o predilecto das mesas britânicas, o genuíno *Portwine* – esse néctar, cujo aroma, ainda mais que os da nossa atmosfera, é grato às pituitárias inglesas (...).”²⁷

A Literatura documenta também momentos difíceis pelos quais passaram os viticultores durienses, um dos quais se prende com a história da vinha em Portugal. Falamos da **filoxera**, epidemia que destruiu grande parte da vinha portuguesa, sobretudo duriense.

²⁴ Cf. AROSO, Alberto, «História da Linha do Douro», in *ALTO DOURO VINHATEIRO PATRIMÓNIO MUNICIPAL*, nº 1, Dezembro de 2002, pp. 82-89.

²⁵ Cf. F. G., «Troço da linha férrea Pocinho-Barca de Alva», in *Notícias do Douro* de 14 de Junho de 2004, p. 17.

²⁶ Cf. «A linha férrea Pocinho-Barca de Alva», in *Notícias do Douro* de 10 de Setembro de 2004, p. 8.

²⁷ DINIS, Júlio, *Uma Família Inglesa*, Nova edição, conforme a terceira, actualizada na grafia, Porto, Livraria Civilização, 1969, p. 11.



João de Araújo Correia, no texto intitulado “Fíloxera” incluído na obra *Passos Perdidos* alude a essa destruição e lamenta que muitos *mortórios* permaneçam incul-tos, sugerindo que poderiam produzir amêndoa e azeite. Os mortórios aparecem ainda na Literatura, integrados na paisagem, pela pena de Miguel Torga. No conto «Vindima», escreve este autor: “ao longe, mortórios escalvados e desiludidos.”²⁸

Num texto diarístico situado na *Réguia, 19 de Agosto de 1979*, ao falar do homem duriense e da dura realidade que é a sua vida, Miguel Torga, alude novamente à fíloxera e à reposição dos mortórios. Escreve a propósito do homem duriense:

“na fome e na miséria, mal a fíloxera acabava de o prostrar se ergueu de ferro e pá na mão a repor os mortórios, mal a trovoada esbarronda a parede do socalco a levanta de novo, mal uma queima destrói a novidade começa a granjear a vindoira. Sem essa pertinácia obstinada, que a força dos elementos não vence nem a incompreensão dos poderes desanima, secariam as cubas nos armazéns de Gaia.”²⁹

Ainda a propósito da história da vinha, João de Araújo Correia revela a sua preocupação com o desaparecimento de determinados utensílios da vitivinicultura duriense. Para evitar esse perigo, este autor, em 1964, defende a criação de um museu para os preservar e deixar em legado à Humanidade. Escrevia nessa altura:

“Dornas aluídas no quinteiro... O carro de bois, que levava o néctar ao rio ou ao caminho de ferro, irá parar à lareira ou, se lhe acudirem a tempo, ao museu etnográfico. A esse museu devem ir recolhendo, quanto antes, as alfaias inúteis da vinicultura arcaica, feita empíricamente, mas, de tão boa memória, que deu volta ao mundo. Almudes, canados, balseiros, pareias, facas, pescadeiras, cálices de prova – toca para o museu, que são horas.”³⁰

Um outro dado histórico-cultural relacionado com o Douro é o que se reporta à actividade comercial do **Barão de Forrester** (Joseph James Forrester), aos mapas que fazia e à sua morte, por afogamento, no rio Douro.

Miguel Torga assume uma atitude crítica em relação a esta lendária figura do Douro, porque, na sua perspectiva, através da actividade de comerciante, explorava a região e as suas gentes. No entanto, não deixa de reconhecer o seu valor, ao cha-

²⁸ in *Contos da Montanha*, 6ª edição revista, Coimbra, Edição do Autor, 1982, p. 176.

²⁹ TORGA, Miguel, *Diário XIII*, Coimbra, Edição do Autor, 1983, p. 106.

³⁰ «Poesia Agrária», in *Passos Perdidos*, Lisboa, Portugalíia Editora, [1967], pp. 193–194.

mar-lhe “bom comerciante” e ao dizer que “desenhava mapas bonitos da região”. Veja-se o texto seguinte do *Diário XVI*, datado de 31 de Agosto de 1993:

“O coitado do Forrester [...] desenhava mapas bonitos da região, que explorava como bom comerciante, e saldou-lhe [ao Douro] a dívida de parasita afogado no Cachão da Valeira ao peso dos dobrões.”³¹

Também António Cabral, no poema “O Barão de Forrester”³² escreve sobre esta figura, referindo a data em que descia o Douro – 1861 – na companhia de uma outra personalidade importante na região duriense – a Ferreirinha. No mesmo poema estão ainda documentadas outras figuras históricas do tempo, como o Duque de Saldanha, Maria da Fonte, Mac-Donnel, Ramalho Ortigão. Este poema de António Cabral patenteia a história do naufrágio e morte do Barão de Forrester no “Cachão da Valeira”, enquanto a Ferreirinha se salvou “porque a saia rodada lhe serviu de bóia”.

A figura lendária da **Ferreirinha** (D. Antónia Adelaide Ferreira), cuja actividade marcou a região duriense na segunda metade do séc. XIX, aparece, como vemos, imortalizada através da Literatura, não só no referido poema, mas em vários textos de outros autores. Assim, por exemplo, é recordada por Pires Cabral, no poema “A morte da Ferreirinha”³³, no qual o Poeta, aludindo ao facto de esta senhora ter sobrevivido ao naufrágio nas “raivosas dinásticas águas da Valeira”, acabou por sentir-se indisposta em Entre-os-Rios e falecer vítima de “uma trivial indigestão de lampreia”. Ainda segundo o mesmo autor, no citado poema, esta senhora, para além de cuidar da casa e das criadas, tarefa habitual das senhoras das quintas durienses, também “escuritava, administrava, decidia e marcava o dia de actuar sobre as cepas”. Era, pois, uma figura feminina dinâmica, que realizava tarefas cuja incumbência habitualmente era pertença dos homens.

Esta figura duriense aparece igualmente em *Vale Abraão* de Agustina Bessa-Luís, ainda que sem ser referido o seu nome, apenas com a designação de “Senhora” que “era uma lenda”. Entre outros aspectos, salienta-se que era uma “proprietária que levantara toda a região ao nível dum condado”, diz-se ainda que foi “uma espécie de marani em Londres, com o seu ouro e as peripécias romanescas da fuga (...) com a filha ameaçada de rapto”, que era um “génio de finanças” e que “era larga nas gorjetas”³⁴.

³¹ *Diário XVI*, Coimbra, Edição do Autor, 1993, pp. 173–174.

³² CABRAL, António, *Antologia dos Poemas Durienses*, Chaves, Edições Tartaruga, 1999, pp. 103–104.

³³ CABRAL, A. M. Pires, *Douro: pizzicato e chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 58.

³⁴ Cf. BESSA-LUÍS, Agustina, *Vale Abraão*, Lisboa, Guimarães Editores, 1991, pp. 143–146.



A **navegação** no Douro, que sofreu modificações ao longo do tempo, está documentada em vários textos.

No final do séc. XIX, com Eça de Queirós, na já referida obra *A Cidade e as Serras*, encontrámos o barco rabelo a navegar no Douro.

Alves Redol, no seu livro *Porto Manso*, retrata o Douro e as gentes que nele trabalham, nomeadamente fazendo o transporte em barcos rabelos, com o apoio da “espadela”. Apenas um exemplo, em que aparece novamente uma alusão à Ferreirinha:

“Só o receio de naufrágio era um alarme para os longos dias de viagem, depois que (...) o pai tivera um desastre com o rabelo, carregado de pipas de vinho da Ferreirinha. (...) O pai andara acabrunhado, (...) só uma tentação do Demónio pudera desviar-lhe a espadela do bom rumo.”³⁵

Nos anos sessenta, quando Torga faz a descida do Douro desde a foz do Sabor, passando pelo Cachão da Valeira, refere os perigos, emoções e dificuldades dessa viagem. Através de um texto do *Diário X* vemos bem como a viagem era feita ao “ao som do compasso dos remos” e ficamos também a conhecer a designação que era dada ao barco do Douro, o “rabão”:

“*Cachão da Valeira, 28 de Julho de 1968* – Desço o Doiro de barco, desde a foz do Sabor. Faltava no meu rol de deslumbramentos o maior de todos, que só hoje, ao cabo de muitos anos de espera, me foi concedido por não sei que caprichoso deus do acaso. Vou calado à proa do rabão, alheio aos dentes do sol e ao garrote da sede, atento apenas à tragédia de água e pedra que há horas se desenrola no palco movediço, entre fúrias e catarses (...) neste caminho torrencial e ciclópico. (...) Por isso, digo adeus a S. Salvador do Mundo, que espreita lá do alto o abismo de onde lhe aceno, e sigo humildemente silencioso, ao som do compasso dos remos, metrónomos da minha emoção sem palavras.”³⁶

Também num registo do *Diário XIII*, situado numa quinta de Freixo de Numão, em 1979, Torga fala de novo do Douro, um rio que era “magro e viril”, que se descia de barco rabelo, a “saltar de sorvedouro em sorvedouro”, e que agora aparece “manso e paralítico”, onde se pode passear “numa de lancha a vapor”, sem qualquer tipo de sobressaltos:

³⁵ In REDOL, Alves, *Porto Manso*, 3ª edição, Publicações Europa-América, 1979, p. 11.

³⁶ *Diário X*, Coimbra, Edição do Autor, 1968, pp. 193-194.

“Quinta do Vale de Malhadas, Freixo de Numão, 8 de Dezembro de 1979 – O Doiro magro e viril, que ainda não há muito descí de barco rabelo e de credo na boca, a saltar de sorvedouro em sorvedouro, ei-lo agora entoirido, manso, parálítico, passeado numa lancha a vapor, sem sobressaltos de qualquer ordem.”³⁷

O “agora” de que se fala no texto é 1979, uma vez que na escrita diarística a referencialidade espacial e temporal é autêntica e desempenha um papel importante na contextualização dos relatos.

Este novo tipo de navegação no Douro, calmo e “sem sobressaltos”, só é interrompido nas eclusas, invenções que o progresso técnico criou para superar as dificuldades de navegação originadas pelas diferenças de cota no rio.

Pires Cabral, no poema “Eclusa”³⁸, refere o ruído provocado pelo metal das comportas, que acaba por romper o silêncio:

“Range a eclusa ao fechar.
Metal desafia outro metal”.

E a seguir o sujeito poético fala de “rangidos que fracturam o silêncio”, referindo que “a viagem / se torna vertical, / emparedada”, traduzindo com nitidez e precisão o que se passa quando o barco se encontra entre as comportas.

O poema que acabámos de referir documenta um Douro moderno, da actualidade, porque já houve um outro Douro. Os dois momentos do rio, o de antes e o de agora, estão documentados em dois poemas de Pires Cabral, “Rio refém” e “Um barco sobe o rio”³⁹. Como se pode ler nesses poemas, “O rio / é agora – sujeitado por muros – / uma água nova, corpulenta, / mas também contrariada / e morosa, coisa que hesita / entre vocações: de lago, / espelho ou estrada”. Hoje o Douro é “um rio refém / das memórias de outra geração”. Hoje, “um barco sobe o rio, (...) não como outrora impelido / por remos nem por vento, / mas sim a poder de combustões”, sobe “Não à sirga. Nem obedecendo / à espadela do arrais, mas ao leme nas mãos cautas / de um marinheiro”.

No poema “Deambulações – 1-”⁴⁰ de António Cabral, encontramos focados vários pontos de referência para quem faz a navegação do Douro rio acima, desde

³⁷ TORGA, Miguel, *Diário XIII*, Coimbra, Edição do Autor, 1983, pp. 122–123.

³⁸ In CABRAL, A. M. Pires, *Douro: pizzicato e chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 50.

³⁹ *Idem*, pp. 15–16 e p. 17, respectivamente.

⁴⁰ CABRAL, António, “Deambulações – 1-”, in BRAGA-AMARAL, José e outros (Coord.), *Douro, um percurso de segredos...*, Instituto de Navegabilidade do Douro e Campo das Letras – Editores, S.A., 2000, s/paginação.



o Porto. Vemos novamente documentada a interrupção na navegação, para passar a eclusa: “Em Crestuma o barco sobe na eclusa com os ouvidos / e a lentidão dum parto”.

Pires Cabral, a propósito das águas calmas do Douro, levanta uma questão:

“quanta violência foi precisa / para serenar as águas deste rio / destinado à nascença a turbilhões?”⁴¹

A nova forma de andar de barco no Douro, sem perigos, é ainda documentada quando Torga alude ao “rabelo motorizado” em que o 1º Ministro inglês passeia no Douro. Este mesmo texto documenta também a **presença dos Ingleses** em Portugal. Torga, numa perspectiva de defesa do homem duriense e assumindo uma posição crítica pela **adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia** escreve em 31 de Agosto de 1993, no *Diário XVI*:

“O Primeiro Ministro britânico veio passar as férias ao Doiro, nas quintas de um patricio. Tem comido bem, bebido melhor e passeado. Até figos vindimos provou e saboreou, dizem os jornais. (...). O melhor de tudo o que temos, culinária, paisagem, conforto, mar, sol e cordialidade, já estava ao seu serviço no Algarve. Faltava o Doiro. (...) Este barão actual espairoseu num rabelo motorizado, sem risco e sem passaporte restritivo, apenas com licença magnânima da C.E.E.(...)”⁴²

3. A pertinácia e tenacidade do homem duriense bem como as **etapas da cultura do vinho** aparecem na Literatura, documentadas por exemplo no *Diário* de Miguel Torga, a propósito de uma vindima cuja produção rendeu pouco, por causa de doença e do tempo que foi desfavorável para a cultura da vinha. Apesar do prejuízo, os agricultores, com toda a força e coragem, dedicam-se novamente ao trabalho. Escrevia Miguel Torga em 1940, no *Diário I*, a propósito de uma situação vivida por seu pai:

“S. Martinho de Anta, 24 de Setembro de 1940. Vindima. Um cesto de uvas, ao todo! O míldio, a chuva e a geada reduziram oito pipas a meio almude. Meu Pai fala nisto, e fica branco. Mas estejam os elementos e os micróbios certos do seguinte: é que o velho se vai atirar à tesoura, à poda, à erguida, à cava,

⁴¹ Cf poema “As serenas águas” in CABRAL, A. M. Pires, *Douro: pizzicato e chula*, Lisboa, Edições Cotovia, 2004, p. 47.

⁴² *Diário XVI*, Coimbra, Edição do Autor, 1990, pp. 173–174.

à redra, ao enxofre e ao sulfato como se as vinhas tivessem dado vinho para as bodas de Caná.”⁴³

As vindimas, uma das actividades ligadas à viticultura duriense aguardadas com mais expectativa, estão largamente documentadas em obras de vários escritores.

Podemos começar por Alves Redol que, em *Porto Manso*, refere as rogas que se deslocam de Trás-os-Montes e das Beiras, durante dias e dias, para as vindimas nas quintas do Douro. Os grupos são “acompanhados de harmónios e bombos, violões e flautas”, com o rogador à frente⁴⁴. Eis a forma como descreve esta actividade e faz sobressair o esforço dos homens, carregados de cestos de uvas:

“Numa dolorosa penitência, que só o misticismo de ganhar o pão pode tornar risonha, devassam os socalcos das montanhas, arrastando farrapos e cantando odes de alegria. (...)”

E os homens que levam os cestos vindimos ao lagar, numa longa fila serpenteante, apoiados nos sachos como a bordões de vagabundos, (...) enquanto um apito lhes marca o ritmo da marcha e a soalheira ferve nos corpos esvaídos de fadiga.”⁴⁵

Uma outra narrativa em que as vindimas estão presentes é o conto «Vindima»⁴⁶, onde nos aparecem aspectos e objectos ligados a esta faina duriense: é o cesto “vindimeiro”, que é ajeitado na “troixa”, é a roga, dispersa pela encosta, são os “cestos acogulados, que desciam a escadaria de xisto aos ombros” dos homens, “numa fila indiana, sonora e ritual”. Neste mesmo conto é ainda focada a questão da morte dos trabalhadores por asfixia, através da personagem Vitorino, que sucumbe asfixiado dentro do tonel, quando preparava a vasilha para nela ser guardado o vinho. Aparece-nos, também no mesmo conto, a cardenha, em que “a palha centeia” servia de “colchão de todos”. Estes aspectos estão também documentados no romance *Vindima* do mesmo autor, uma das obras importantes sobre a faina duriense. Nele surgem também a cardenha, as rogas (com as suas cantigas e terras de origem dos seus elementos), que se deslocam para a colheita das uvas e para a azáfama de as converter em vinho, o trabalho da recolha das uvas, com as

⁴³ *Diário I*, 6ª edição, Coimbra, Edição do Autor, 1978, p. 163.

⁴⁴ In REDOL, Alves, *Porto Manso*, 3ª edição, Publicações Europa-América, 1979, p. 179.

⁴⁵ *Idem*, p. 195.

⁴⁶ «A Vindima», in *Contos da Montanha*, *Contos da Montanha*, 6ª edição, Coimbra, Edição do Autor, 1982, pp. 173-180.



alegrias, tristezas, trabalhos duros, usos e costumes, incluindo a vida de contrastes sociais na quinta duriense.

A obra de Torga, para além de testemunhar o Douro nas vertentes que anteriormente referimos, permite-nos conhecer outros hábitos, como, por exemplo, o que existia entre os homens do campo de, ao terminarem o trabalho diário, fazerem um agradecimento a Deus. Este hábito aparece expresso no *Diário XIII* quando, a propósito da publicação de uma obra sua – *O Sexto Dia da Criação do Mundo*, fala de seu Pai. Vejamos a citação:

“Coimbra, 26 de Fevereiro de 1981 — *O Sexto Dia da Criação do Mundo* finalmente nas montras. Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo! Era com estas palavras que meu Pai despegava das leiras, e não encontro outras mais apropriadas para esta hora. O Velho, como um Job do enxadão, crente e resignado, enxugava o suor da jorna a exaltar o Altíssimo; eu, Job da caneta, descrente e rebelde, imito-lhe a exclamação a dar apenas voz tutelar ao alívio que sinto.”⁴⁷

As vindimas são também focadas por António Cabral, num poema que já referimos anteriormente, “Aqui, Douro”⁴⁸, no qual se fala de “paraíso dourado das vindimas”, considerando que nessa altura “o Douro é d’ouro”, “ouro no sol que põe tudo em labaredas; / os cachos e as nuvens de poeira / espantadas pelas patas dos cavalos e dos camiões, ron-ron, ladeira acima. / Ouro na tagarelice das mulheres/ que vindimam as uvas, (...) / um certo ouro no silêncio dos homens/ que (...) transportam os cestos. / Ouro ainda no regresso do trabalho, / ao som dum bombo, duma concertina. / Ouro talvez nos cálices de quem / veio de longe assistir da janela.”

Note-se como neste pequeno poema, em poucos versos, temos o Douro do trabalho duro, das temperaturas altas, das vindimas em que as uvas já não são transportadas só nos cestos vindimos ou vindimeiros, mas também em camiões. Aparece-nos, como antigamente, a música a acompanhar os vindimadores no regresso do trabalho, ao som do bombo e da concertina. Finalmente, o contraste que é estabelecido entre os que vêm de fora saborear o vinho e assistir da janela aos trabalhos, muitas vezes sem terem a noção do esforço e sacrifício do trabalhador duriense.

⁴⁷ TORGA, Miguel, *Diário XIII*, Coimbra, Edição do Autor, 1983, p. 164.

⁴⁸ In CABRAL, António, *Novos Poemas Durienses*, Vila Real, Livros do Nordeste, 1993, p. 32.

A maneira de ser de Torga, as recordações dos antepassados, da sua infância, da sua terra, levaram-no a não ser capaz de recusar, quando lhe pediram para falar acerca homem duriense, em 1979, na Régua, como registou no *Diário XIII*:

“Quando fui abordado para falar sobre o homem duriense no encerramento desta feira, fiquei indeciso. (...) O tema corria-me nas veias. (...) Filho, neto, bisneto e tetraneto de obscuros cavadores, carreiros e almocreves, que séculos a fio saibraram, sulcaram e palmilharam as encostas do Douro, criado a ouvir a crónica deles e a de quantos os acompanhavam na via-sacra – e Deus sabe até que ponto ela era dolorosa —, atento, por conta própria, a um destino que sempre me pareceu exemplar no seu dramatismo, como poderia eu escusar-me (...)? (...) E aqui estou a meditar em voz alta na história trágico-telúrica desse herói singular, escrita nas fragas com a tinta do suor.”⁴⁹

E, logo a seguir, Torga caracteriza desta forma o homem duriense, vendo-se, ao mesmo tempo, as várias etapas da vitivinicultura desta região:

“Herói modesto, desprezioso e proteico que, mal comido, mal bebido e mal agasalhado, aos rigores de um inverno de gelo e de um verão de fornalha, surribo, planta, enxerta, tesoura, poda, ergue, enxofra, sulfata, vindima, pisa e trasfega num afã sem descanso.”

É cada vez mais necessário conhecer *in loco* o Douro, para melhor compreender a sua beleza e também o drama de todos aqueles que nele vivem e dele sobrevivem.

Para concluir, vamos citar Manuel Mendes⁵⁰, que exprime de forma poética o que é navegar no Douro, focando muito mais do que a simples beleza da região que o envolve. Deixamos, assim, mais um documento a juntar a todos os que fazem da Literatura uma memória cultural da vitivinicultura duriense:

“Navegar
 Por este rio acima
 É penetrar na alma
 Do Portugal
 Do trabalho,
 Do sofrimento, da dor,
 Da paixão, da nostalgia, do amor, da poesia.”

⁴⁹ In *Diário XIII*, Coimbra, Edição do Autor, 1983, pp. 103–104.

⁵⁰ In poema VI de “Vinte Poemas de Fé para um Rio”, in BRAGA-AMARAL, José e outras (coord.), *Douro, um percurso de segredos...*, Instituto de Navegabilidade do Douro e Campo das Letras-Editores, S.A., 2000, s/paginação.